

REVISTA SEMANA DA

# ÁFRICA

NA

# UFRGS

v.4, n.1 Maio 2017 ISSN 2357-9668

DEDS | DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

CULTURA E LUTA  
ANTICOLONIAL NO  
MAGREB: OS ESTUDOS DE  
FANON SOBRE A ARGÉLIA.  
WALTER LIPPOLD

NARRAR É TECER A  
EXISTÊNCIA E O REAL.  
CONTOS E O SABER  
DOGON TEMATIZANDO  
LOUCURA E SOCIEDADE.  
DENISE DIAS BARROS

ENTREVISTA COM  
O PROFESSOR  
MOÇAMBICANO,  
FILIMONE MANUEL  
MEIGOS

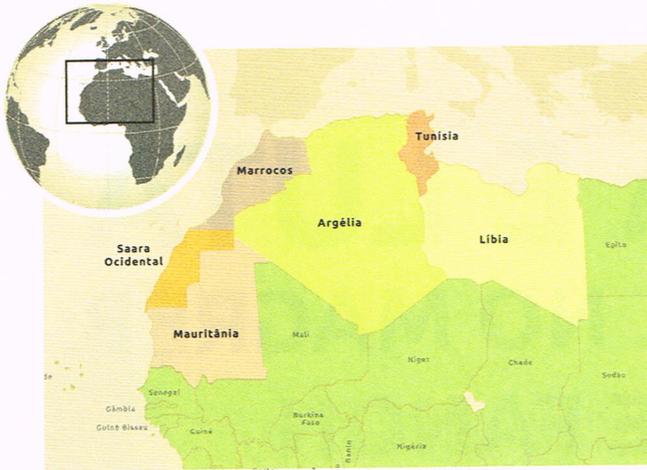
# CULTURA E LUTA ANTICOLONIAL NO MAGREB: OS ESTUDOS DE FANON SOBRE A ARGÉLIA

**Walter Lippold** | Brasileiro, docente do Departamento de História da UNIRITTER

*Os aspectos culturais, os elementos de sociabilidade de um povo são expressões fundamentais de sua existência; são processos dinâmicos que se transformam através dos tempos e que manifestam elementos de uma identidade. Através da construção desta identidade coletiva, presente em cada indivíduo, os povos se diferenciam culturalmente e produzem o sentido de suas sociedades. Partindo destas premissas básicas é que Frantz Fanon (1976, p. 19) irá analisar as mudanças culturais ocorridas no processo revolucionário de luta pela independência na África. Se focarmos no Magreb africano e, mais especificamente, tomarmos como estudo de caso o caminho da cultura argelina durante a Guerra de Independência (1954-1962), vemos que um dos pilares do esquema colonial de saque racionalmente sistematizado é a criação de um esquema cultural de dominação, que se manifestou sob o cínico nome de “missão civilizadora” por parte dos franceses. Esse esquema cultural também manifesta-se em um esquema individual-corporal e é nas tensões entre indivíduo e coletivo que ocorre um importante ato de descolonização: a resistência cultural do colonizado perante o projeto colonialista.*

*Esse projeto cultural do colonizador é melhor definido como um processo de aniquilação da cultura local, dos conhecimentos que são desmerecidos, da destruição da memória coletiva e de esquecimento de sua história, de seus sábios, como afirmou o tunisiano Albert Memmi (1977): Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. À linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizadas (MEMMI apud FANON, 1980, p. 37). O colonialismo necessita destruir as possibilidades*

*de conhecimento e autoconhecimento (HALLWARD, 2011, p. 8), como afirma Fanon (1976), o professor, o médico, o jornalista e o radialista, o engenheiro e o militar são vistos de modo homogêneo pelos indivíduos do povo colonizado, são representantes do domínio estrangeiro. O técnico é sempre visto com certa desconfiança, mesmo o de origem argelina, já que soa como um assimilado, alguém que negou suas tradições.*



A palavra Magreb é de origem árabe e significa "onde o Sol se põe". Localiza-se na região ocidental do norte do continente africano abrangendo os países: Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Saara Ocidental e Mauritânia.

As dinâmicas culturais transformam-se quando os colonizados acordam de uma certa letargia cultural<sup>1</sup> imposta pelos colonizadores e, no momento em que lutam por sua independência, os colonizados são envolvidos em novas dinâmicas sociais, contraditórias, mas libertadoras, a cultura liberta-se junto da esfera política e econômica, uma zona liberada pelo exército rebelde, torna-se um laboratório cultural de criação do novo. Um dos estudos mais profundos sobre as modificações sócio-culturais efetuados dentro de um processo de libertação africano foi *L'An V de La Révolution Algérienne*, de Frantz Fanon, traduzido como *Sociologia de una Revolución* (1976), em espanhol, e *A Dying Colonialism*, em inglês. Algumas das questões abordadas por Fanon em seu livro referem-se às transformações ocorridas em pleno processo revolucionário de libertação na época das independências africanas, especificamente na Argélia, no norte da África, o chamado Magreb. Ao longo deste texto vamos abordar algumas questões como: as relações entre *colonialismo e resistência cultural*; as *transformações no âmbito familiar*, principalmente o *surgimento da nova mulher argelina* oriunda de sua própria ação na revolução; e a *descolonização tecnológica-cultural* no uso da mídia e das técnicas e *know-how* de medicina.

Este livro de Fanon – a sua *sociologia da revolução* – no qual busquei apoio para a presente análise, talvez seja o mais desconhecido, o menos lido e estudado, mas na minha concepção é a obra do autor na qual sua escrita está mais madura e seu método revolucionário de pesquisa mostra-se em todas as suas possibilidades. Cabe afirmar que em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, temos a obra inaugural de Fanon (2008), na qual ele analisa as

questões psicológicas do racismo, da construção do negro e do branco, dos estranhamentos e alienações, lançando seu método e uma série de conceitos fundamentais; na sua última obra, *Os Condenados da Terra* (FANON, 2005), escrita em 1961, quando Fanon estava à beira da morte devido a uma leucemia, o intelectual deixa o seu legado com momentos de análise lúcida sobre a questão do pós-independência e da luta terceiro-mundista dos povos por autodeterminação, mesclando com o tom denunciante de um manifesto final.

Temos ainda um compilado de textos escritos por Fanon em revistas e no jornal *El Moudjahid*, órgão oficial da Frente de Libertação Argelina, chamado *Em Defesa da Revolução Africana*, publicado após a sua morte. Neste livro está um importante texto de Fanon, *Racismo e Cultura*, que foi o seu discurso proferido no I Congresso de Escritores e Artistas Negros, em setembro de 1956, sediado em Paris, e foi publicado na revista *Présence Africaine*.

A colonização francesa na Argélia iniciou-se em 1830, após as tropas francesas vencerem a resistência dos nativos organizados pelo Emir Abd Al-Kader, a partir deste momento, segundo Jean Paul Sartre (1968, p. 27), a história da Argélia se tornou a história da compra e do roubo sistemático de terras do povo argelino, que perdia o seu sustento. Nas terras ocupadas agora pelos colonizadores o plantio que vigorava era o da videira, para a produção de vinho e exportação para a França; terras que antes eram a base de produção alimentar dos camponeses argelinos que foram empurrados cada vez mais para o deserto.

O racismo colonial retroalimenta o funcionamento do colonialismo: é o cimento ideológico que se manifesta de dois modos complementares, como desprezo e como inferiorização do colonizado. Esse não aceita a sua condição de colonizado, em primeiro lugar busca fugir de sua condição despersonalizando a sua identidade, posteriormente revolta-se e luta organizando-se contra o colonialismo, recuperando a sua história e a sua identidade cultural, criando o novo. Primeiro busca libertar-se dentro da legalidade, mas aprende violentamente que o jogo democrático não é permitido na Argélia ocupada pela França, é um privilégio das metrópoles (POERNER, 1966, p. 28). As eleições são fraudadas, candidatos nacionalistas são presos, o método do terrorismo colonial de estado é utilizado largamente, o caminho para a luta armada aparecia no horizonte do povo, principalmente após os massacres de Sétif e Ghelma, em 1945, onde mais de 20.000

<sup>1</sup>No entanto, a implantação do regime colonial não traz consigo a morte da cultura autóctone. Pelo contrário, a observação histórica diz-nos que o objetivo procurado é mais uma agonia continuada do que um desaparecimento total da cultura preexistente. Esta cultura, outrora viva e aberta ao futuro, fecha-se, aprisionada no estatuto colonial, estrangulada pela canga da opressão. Presente e simultaneamente mumificada, depõe contra os seus membros. Com efeito, define-os sem apelo. A mumificação cultural leva a uma mumificação do pensamento individual (FANON, 1980, p. 38).

argelinos foram trucidados por forças militares, policiais e milicianas francesas.

Logo as fraturas internas são superadas e os que não concordam com a luta armada pela libertação são denunciados como traidores. Surge a Frente de Libertação Nacional (FNL), uma nova organização, nascida das entranhas das velhas organizações nacionalistas. A FNL e o Exército de Libertação Nacional, ciente do elemento militar, não deixou o elemento cultural de lado, com a nova realidade inaugurada pela revolução, novas relações de sociabilidade começaram a manifestar-se.

Durante a revolução, as relações entre pais e filhos, principalmente entre pai e filha, modificam-se radicalmente. A mulher, dentro das tradições argelinas, seguia uma rígida hierarquia de sociabilidade oriunda da opressão patriarcal que lhe colocava em segundo plano. Em um primeiro momento, o colonizador dá-se conta de que a denúncia da condição feminina na sociedade argelina é uma boa arma usada com objetivo de desestabilizar o esquema cultural nativo, já engessado e mumificado sob o signo da tradição. Surgem grupos franceses de ação contra as condições da mulher argelina e que criticam os costumes argelinos, principalmente o uso do véu islâmico, o *haik*. Acreditam que se convencerem e conquistarem a mulher argelina, poderão atingir o homem argelino.

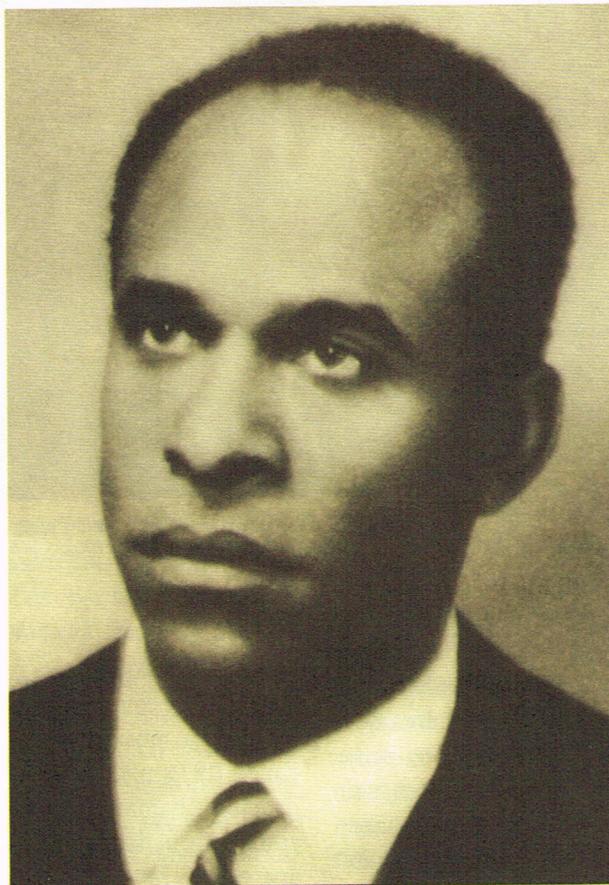
Sobre estes fenômenos, Fanon (1976, p. 19-49) nos oportuniza, em *A Argélia Desvelada*, uma de suas mais brilhantes análises sobre o processo de descolonização cultural: a dialética do uso do véu (*haik*) na luta da mulher argelina pela independência. O ingresso de mulheres militantes nas tropas nacionalistas muda completamente as relações familiares, anteriormente uma adolescente nem

podia ficar frente a frente com o pai, muito menos olhar nos seus olhos, rir ou falar na sua presença, agora tudo está mudando, filhas, filhos e pais, irmãos e irmãs enfrentam a mesma sorte, torturas, prisões e constantemente enfrentam a morte.

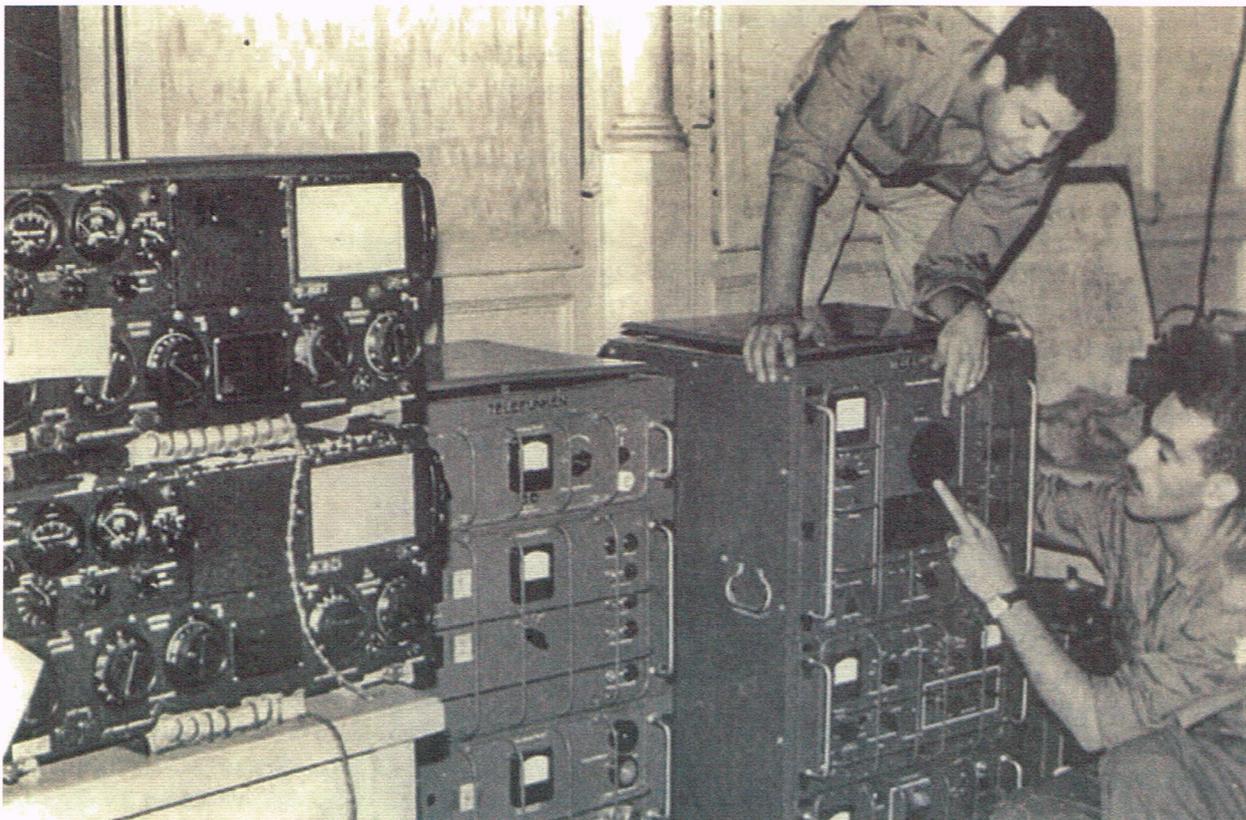
O nascimento de um povo argelino passava pela compreensão das condições opressivas que o atingem, e isso deixou explícito que a libertação de um povo não poderia ocorrer se não houvesse a libertação da mulher, historicamente submetida ao machismo e ao patriarcalismo. Mas esta libertação não veio de fora, da parte dos colonialistas, esta libertação foi fruto da própria ação da mulher argelina no processo de revolução. Militantes vestiam-se como ocidentais para infiltrarem-se na cidade europeia, no bairro dos colonizadores, levavam armamento, bombas e munições, dormiam em acampamentos nas montanhas, e nesta travessia criavam-se as possibilidades de emancipação da mulher argelina por sua própria ação histórica. Quando os franceses atacaram o costume do véu, as argelinas adotavam taticamente o seu uso, como resistência cultural e também como possibilidade de camuflagem das armas da revolução.

Atualmente, vemos as polêmicas leis francesas de 2004 – que proibiu o véu em escolas – e principalmente a de 2011 – que proibiu o véu que cobre o rosto – sendo debatidas na esfera pública. Sobre a proibição do uso do véu islâmico, hegemonicamente as opiniões circulam ao redor dos seguintes argumentos: a lei seria necessária devido a uma questão da segurança, numa era de terrorismo que atinge a Europa e que isto seria um bem para as mulheres muçulmanas, já que seriam oprimidas pelo véu<sup>2</sup>.

<sup>2</sup>Na verdade, existem vários tipos de véu islâmico, o que se proibiu na França é o uso da burca e do *niqab*, ou seja, os que cobrem o rosto. A burca ficou conhecida após o Talebã no Afeganistão conquistar o poder, além de tapar todo o corpo e o rosto, possui uma tela que esconde os olhos. Com o *niqab* os olhos ficam expostos e é usado principalmente em sociedades onde o *wahabismo* vigora, como na Arábia Saudita. Já o *haik* é semelhante ao *niqab*, mas é branco e usado no Magreb, no norte da África. Também são conhecidos o *hijab*, que cobre cabelo, orelhas e pescoço e ainda o chador que cobre o rosto e o corpo da mulher.



Frantz Fanon - Cortesia: STF / AFP



Membros do Departamento de Comunicação Nacional (DTN), um dos cinco departamentos que formavam o *Ministère de l'Armement et des Liaisons Générales* (MALG) durante a guerra pela independência da Argélia, cujo papel era liderar as redes nacionais e internacionais do *Front de Libération Nationale* (FLN) - Wikipedia.org

Mas a questão não é assim tão simples, podemos buscar, no estudo de Fanon sobre o uso do *Haïk*, alguns subsídios para compreender este fenômeno cultural de modo mais profundo. Apesar de estarmos em uma nova conjuntura histórica, com novas tecnologias do poder, ocorrem continuidades de muitas das contradições inauguradas com o colonialismo. Em um mundo globalizado, perpassado por migrações sul-norte, onde os conflitos culturais estão conectados com as esferas sociais, políticas e com os circuitos internacionais de capital, há uma tendência de padronização cultural perpassada pela não aceitação fóbica ou pela aceitação da cultura do outro de modo exótico e espetacular, reforçada pela mídia jornalística, pelo cinema e pela publicidade.

Fanon também analisou o uso das mídias no colonialismo e na luta anticolonial, debruçou-se sobre a tecnologia do rádio. O perigo que a transmissão radiofônica de informações representou, levou a ações de uma verdadeira *guerra de ondas* em plena década de 1950, quando os franceses buscavam embaralhar as transmissões do programa oficial da FLN, *A Voz da Argélia Combatente*. Assim como controlava medicamentos que poderiam ser usados pelos médicos da FLN, a França resolveu controlar a venda de pilhas, já que os argelinos compravam rádios

portáteis.

Antes do início da revolução, poucos argelinos importavam-se com o rádio, a programação era estritamente francesa, música francesa, cultura do colonizador. Mas Fanon (1976, p.63,) acerta ao focar neste fenômeno que podemos chamar de descolonização tecnológica e democratização midiática, afirmando que “[...]a aquisição de um aparelho de rádio na Argélia não significa a adesão a uma técnica moderna de informação[...]”, devemos compreender que possuir o rádio é “[...] o único meio de entrar em contato com a revolução, de viver com ela[...]”.

Poucas vezes tivemos a oportunidade de estudar os escritos de um intelectual orgânico, com um método revolucionário, transdisciplinar e totalmente conectado com a práxis, inserido dentro de uma guerra revolucionária, interagindo o cientista social e o militante em um diálogo aberto no interior de seu processo investigativo e criativo.

O instrumento técnico, o aparelho de rádio, perde quase magicamente - ainda que temos visto a progressão harmônica e dialética das novas necessidades nacionais - seu caráter de objeto do inimigo. O rádio deixa de ser parte do arsenal de opressão cultural do ocupante. Ao converter-se o rádio a um meio singular de resistência frente às pressões psi-

cológicas e militares cada vez maiores do ocupante, a sociedade argelina, por um movimento autônomo interno, decide apropriar-se da nova técnica e incorporar assim os novos sistemas de comunicação inaugurados pela Revolução. (FANON, 1976, p. 63-64)

A *Voz da Argélia Combatente*, emissão oficial da FLN, irrompe no cenário de luta colonial e o povo argelino irá aderir a tecnologia radiofônica, ressignificando seu uso que anteriormente apenas cimentava pelas ondas a cultura do colonizador e que agora se torna um instrumento de coesão com a revolução. Segundo Fanon (1976, p. 66), dá-se uma *criação autônoma da informação*, uma experiência revolucionária que transforma o sentido e os meios da comunicação.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos argelinos era a questão da falta de uma rede elétrica, principalmente na zona rural, no *douars* aparecem os rádios que funcionam com pilha e o colonizador começa a controlar a venda de aparelhos a pilha e das próprias baterias. No comércio clandestino que entra pelas fronteiras, além de armas e medicamentos, as pilhas são um produto de extrema importância, a argelina e o argelino querem escutar as últimas notícias dos combates nas montanhas (*djebel*) e sentir-se enlaçados no combate nacional. O rádio era antes evitado até mesmo pela classe média argelina, devido ao seu efeito desagregador das relações tradicionais e suas hierarquias e também por ser um agente de inoculação dos valores do colonizador francês.

A informação e a contrainformação são elementos fundamentais em uma guerra revolucionária e um dos meios utilizados pelos franceses foi adotar técnicas de *jamming*, ou seja, empastelar eletronicamente as frequências usadas pelos revolucionários argelinos. O *jamming* interfere na qualidade do som, deixando praticamente inaudível a transmissão; os responsáveis pela rádio da FLN tinham que trocar três vezes de frequência em cada emissão, dificultando a escuta das informações que vinham fragmentadas e se completavam com as conversas com vizinhos e amigos, o que os franceses chamavam, pejorativamente, de *telefone árabe*, a rapidez com que as notícias se espalharam de boca a boca na Argélia (FANON, 1976). O que Fanon nos ajuda a compreender é a importância da democratização dos meios de comunicação, a sua descolonização tecnológica. Parece que suas pioneiras análises fazem sentido em nosso mundo do século XXI, onde as tecnologias de comunicação são meios de libertação e de alienação ao mesmo tempo.

O processo de descolonização da medicina também é abordado por Fanon (1976), que adentra nesta dialética de negação e superação do saber-fazer de uma ciência médica colonizada e cumprindo o papel de agen-

te de *consolidação* do colonialismo. Fanon, como médico psiquiatra, empreendeu uma crítica profunda ao modo de agir do médico estrangeiro que se torna agente orgânico do colonialismo. Não podemos esquecer que muitos médicos franceses foram responsáveis pelas massivas aplicações de pentotal sódico, o soro da verdade, em sessões de tortura, e por *cuidar* dos torturados para que durassem mais nas sessões de tortura. Muitos eram ardentes milicianos junto com militares pró-Argélia francesa, conhecidos como OAS (Organisation Armée Secrète). Mesmo o médico nativo é muitas vezes considerado um tráfuga, assim como o colonizado negava as técnicas modernas de comunicação, via com desconfiança a figura do médico e sua atitude perante ele é de rigidez muscular, de palavras e dores difusas.

Desde o seu primeiro livro, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Fanon já compreendia o espaço do consultório médico, como um lugar de tensão colonial. O tratamento dado pelos médicos, o modo com que eles abordavam os pacientes negros ou árabes, sinalizavam uma infantilização, uma projeção constante no colonialismo, o paciente era tratado como uma criança. Dores difusas, mal-estar contínuo, Fanon passa a nos afirmar que o colonialismo é uma fábrica de doentes. No caso da psiquiatria, a área onde ele atuava, atacava os fundamentos racistas e os resquícios de uma pseudociência raciológica que ainda influenciava seriamente a medicina e a psiquiatria. Em seu artigo *Síndrome Norte-Africana* (FANON, 1980, p. 7-20), publicado em 1952 na revista *Esprit*, o revolucionário psiquiatra já lançava suas teses críticas às afirmações racistas de que o sistema nervoso do norte-africano seria inferior ao do europeu branco, o que explicaria os altos índices de crimes no Magreb (COLLINGON, 2006, p. 537-540). Fanon afirma que o motivo principal deste clima de violência é o próprio colonialismo que destrói a sociedade nativa e a psiquê dos colonizados que nela estão.

Ainda no campo da medicina, Fanon revolucionou o funcionamento da Clínica de Blida, em que combateu a desumanização dos pacientes que eram tratados como prisioneiros em uma masmorra, inseriu oficinas de produção artística, cinema, passeios ao ar livre e permitiu a alguns pacientes irem à mesquita, humanizando o tratamento. O que o doutor Fanon buscou foi compreender as sociopatologias que eram geradas em um ambiente opressivo como a Argélia colonizada.

O povo argelino, em plena revolução de independência, descolonizou o uso das tecnologias de mídia, do *know-how* da medicina e, dentro da ação revolucionária, surgiram novas possibilidades de sociabilidade, em que a mulher argelina se libertou por sua própria atividade

como militante. Com o fim do colonialismo e a vitória da revolução, a sociedade libertada tenta reconstruir o seu caminho nacional. A busca do conhecimento técnico e científico torna-se uma necessidade devido à fuga em massa dos quadros técnicos que eram, em grande maioria, franceses. Mas novas contradições surgem no plano interno e externo: a tensão política e os impasses do contexto mundial naquele momento.

Os problemas surgidos no pós-independência (SVARTMAN, 1998) criam um perigoso cenário político na Argélia, pois os antagonismos internos que já se manifestavam antes da independência (DJERBAL, 2004) começam a romper as cadeias de equivalência e a hegemonia desfaz-se; antigas fissuras e divisões internas, vieram à tona. Na questão externa, o assédio dos laços neocoloniais e as disputas em um cenário dividido em dois grandes blocos mundiais criavam uma nova complexidade para a ação nas relações internacionais.

A Argélia tornou-se um centro de encontro de revolucionários e lutadores pró-independência africana e por lá circulavam exilados brasileiros, membros dos Panteras Negras, de lá se transmitia a Rádio Voz da Liberdade, que apoiava o movimento antifascista em Portugal, tornando-se um efervescente centro de difusão de cultura revolucionária. Mas a revolução que se projetava

nas esperanças de Fanon não se efetivou, e o modelo do socialismo pan-arabista estagnou-se (REMAOU, 1994) e viu o surgimento do fundamentalismo islâmico em solo argelino. O crescimento da emigração de argelinos para França e o fortalecimento de ideologias racistas e xenofóbicas em pleno século XXI confirmam que os problemas culturais analisados por Fanon nos anos 1950 ainda persistem, reconfigurados no sistema-mundo atual.

---

## REFERÊNCIAS

- COLLINGON, René. La Psychiatrie coloniale française en Algérie et au Sénégal. **Tiers-Monde**. Tome 47, n. 187, p. 527-546, 2006. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/tiers\\_1293-8882\\_2006\\_num\\_47\\_187\\_5668](http://www.persee.fr/doc/tiers_1293-8882_2006_num_47_187_5668)> Acesso em: 08 abr. 2016.
- DJERBAL, Daho. La question démocratique dans le Mouvement national (1945-1962). **Insaniyat/إنسانيات**. Revue algérienne d'anthropologie et de sciences sociales. 2004. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6366>> Acesso em: 25 out. 2016.
- FANON, Frantz. **Sociologia de una revolución**. Tradução de Victor Flores Olea. 3. ed. México D.F.: Ediciones ERA S.A., 1976.
- . Racismo e cultura. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.
- . **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- . **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALLWARD, Peter. Fanon and political will. **Cosmos and history: The journal of natural and social philosophy**. v. 7, n. 1, p. 104-127, 2011.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- POERNER, Arthur José. **Argélia: O caminho da independência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- REMAOUN, Hassan. Enseignement de l'histoire et conscience nationale. **Eté**. n. 11, p. 22-32, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. O colonialismo é um sistema. **Les Temps Moderns**, n. 123, março-abril de 1956. Colonialismo e neocolonialismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- SVARTMAN, Eduardo Munhoz. **Argélia: o horizonte histórico de uma crise**. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 21/22, p. 227-239, 1998.